

## DE UMA CONFERÊNCIA

A língua portuguesa – como desajeitadamente ficou evidenciado – teve sempre desde o século XII a XVI, – isto é: desde a sua infância até à sua plena maturidade – uma literatura valiosa e, o que é mais, uma literatura própria, nacional.

Inspirando-se em provençais, em espanhóis, em italianos, os nossos poetas souberam fazer contudo versos genuinamente portugueses.

Durante a Renascença, a nossa literatura atingiu o seu período de maior esplendor. Mas João III, o imbecil e sinistro rei *piedoso*, determinava beneficiar o país: deu-lhe a Inquisição e deu-lhe os jesuítas.

A gente de São Domingos e de Loiola valeu por um grande polvo que estrangulasse a Ideia. O Terror governou, o Pensamento foi acorrentado.

O método de ensino dos jesuítas – monopolistas da instrução – queimava as almas; as fogueiras do Santo Ofício, os corpos.

Nas veias portuguesas, em lugar de sangue, houve capilé; nos cérebros – em vez de miolos, teias de aranha. O génio nacional, não podendo crescer livremente, abortou. Tornou-se num pobre génio raquítico, microcéfalo e corcunda, beato e guloso, que, em 200 anos, rezou milhões de terços e devorou toneladas de arroz-doce.

Eis porque Gil Vicente não pôde ter continuadores, eis porque não possuímos hoje um teatro nacional. As fogueiras velavam acesas para quem se atrevesse a pensar.

[Excerto transcrito na reportagem «Uma Interessante Sessão no Liceu Camões», publicada no jornal diário *Novidades* a 10 de Abril de 1911]